


ESCOLA NO ESTABELECIMENTO PRISIONAL DE AVEIRO: UMA OPORTUNIDADE AINDA MAIS COMPROMETIDA EM TEMPO DE PANDEMIA DE COVID-19

SCHOOL AT THE AVEIRO PRISON ESTABLISHMENT: AN OPPORTUNITY EVEN MORE COMPROMISED IN TIME OF THE COVID-19 PANDEMIC

*Orquídea Martins*¹ | *Luísa Orvalho*²

Resumo Esta pesquisa resulta do trabalho como docente do Agrupamento de Escolas de Aveiro (AEA) a exercer funções no Estabelecimento Prisional de Aveiro (EPA), na formação escolar e profissional de reclusos que frequentam Cursos de Educação e Formação de Adultos (EFA), dos níveis B1, B2, B3 e Secundário. Trata-se de uma investigação qualitativa, que seguiu uma abordagem metodológica de aproximação à Investigação-Ação (I-A), centrada no estudo de caso do EPA, com a finalidade de conhecer as consequências da crise pandémica da covid-19 na organização, gestão e desenvolvimento das atividades escolares dos reclusos. Como técnicas de recolha e produção de dados privilegiaram-se as entrevistas semiestruturadas aos formandos, professores, formadores e direção do EPA; a observação direta e participada nas aulas realizadas no parlatório, através da barreira de acrílico, e; os registos dos reclusos relativos às atividades de trabalho autónomo, mediados pela direção do EPA. Como técnica de análise e tratamento de dados privilegiou-

1 Professora e Coordenadora dos Cursos de Educação e Formação de Adultos. Agrupamento de Escolas de Aveiro, Estabelecimento Prisional de Aveiro, Aveiro, Portugal. TLM. +351 919581023.

 ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2745-2926>
orquidea.martins@aeaveiro.pt e orquideasucena@hotmail.com

2 Autora para correspondência. Investigadora e Consultora. Universidade Católica Portuguesa, Faculdade de Educação e Psicologia, Centro de Estudos de Desenvolvimento Humano. TLM. +351 917340901.

 ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6645-5273> ; lorvalho@porto.ucp.pt e luisa.orvalho@gmail.com

se a análise de conteúdo de toda a informação recolhida. Os resultados revelam a existência de outros constrangimentos na organização e gestão dos recursos educativos aplicados às atividades de ensino em ambiente prisional, ultrapassando de longe os limites já existentes num contexto não pandémico.

Palavras-chave pandemia da covid-19, ensino em contexto prisional, cursos EFA

Abstract This research results from the work as a teacher of the Aveiro Schools Group (AEA) working in the Aveiro Prison Establishment (EPA), in the education and professional training of prisoners who attend Adult Education and Training Courses (EFA), at the different levels. B1, B2, B3 and Secondary. This is a qualitative research, which followed a methodological approach of approaching Action Research (AI), centred on the EPA case study, in order to know the consequences of the Covid-19 pandemic crisis in the organization, management and development of inmates' school activities. As techniques for collecting and producing data, semi-structured interviews with trainees, teachers, trainers and the direction of the EPA were privileged; records of the direct interactions of the researcher with the EPA population (in the visits area of the Prison facility, separated by the acrylic glass window); records of the inmates autonomous work activities, mediated by EPA's Direction. As a technique for analysing and processing data, content analysis of all the information collected, was privileged. The results reveal the existence of further constraints in the organization and management of the educational resources applied to the teaching activities in a prison environment, far outreaching the limitations already existing in a non-pandemic context.

Keywords Covid-19 pandemic, prison education and training, EFA courses

1. Introdução

Este estudo de caso surge do trabalho de investigação educacional sobre a realidade do ensino nas prisões em Portugal, desenvolvido como professora e coordenadora pedagógica, durante o período de pandemia de covid-19, no Estabelecimento Prisional de Aveiro (EPA), na formação escolar e profissional de adultos de Cursos de Educação e Formação de Adultos (EFA), dos níveis B1, B2, B3 e Secundário, com 32 reclusos, durante o período que decorreu entre 15 de março de 2020 e 31 de maio de 2021.

1.1. Contexto e campo de estudo

O EPA é um dos 49 estabelecimentos prisionais que integram a Direção Geral e Reinserção e Serviços Prisionais, que tem por missão o desenvolvimento das políticas de prevenção criminal, de execução das penas e medidas e de reinserção social e a gestão articulada e complementar dos sistemas tutelar educativo e prisional, assegurando condições compatíveis com a dignidade humana e contribuindo para a defesa da ordem e da paz social. O EPA tem uma capacidade de alojamento para 88 indivíduos apenas do sexo masculino, preferencialmente em situação de prisão preventiva, a aguardar julgamento, à ordem de Tribunais da Comarca de Aveiro e da Comarca de Coimbra. O EPA é um estabelecimento classificado como de alta segurança e de grau de complexidade médio. No sentido de garantir a defesa e promoção dos direitos humanos, a segurança da sociedade, a valorização da reinserção social e a prevenção da reincidência criminal estão estabelecidas diversas parcerias com entidades de reconhecido mérito e influência da comunidade aveirense que, articuladas com os projetos do Agrupamento de Escolas de Aveiro (AEA) – Escola Associada – têm procurado desenvolver competências que valorizem as várias dimensões humanas dos reclusos que por aqui passam. Para ministrar a formação do 1.º ao 12.º ano de escolaridade, o EPA dispõe de três salas de aulas, um ginásio e uma sala multiusos recentemente remodelada, onde está localizada a Biblioteca dos Reclusos, dando cumprimento ao estipulado no artigo 94, do Regulamento Geral dos Estabelecimentos Prisionais e do Código da Execução das Penas e Medidas Privativas da Liberdade e os incentivos ao ensino. A equipa pedagógica da Escola Associada, AEA, é responsável pela dinamização das atividades de educação e formação do EPA, integrando-as nas atividades do seu Projeto Educativo.

1.2. Motivação para fazer esta investigação

A principal motivação para fazer esta investigação, no âmbito da realidade social presente na Educação e Formação, foi o convite da Professora Luísa Orvalho, investigadora do Centro de Estudos de Desenvolvimento Humana (CEDH), da Universidade Católica Portuguesa, para a apresentação, em coautoria, da comunicação “A reintegração social do detido num Estabelecimento Prisional”, ao XXVIII Colóquio da AFIRSE Portugal, em janeiro de 2021. Este convite, veio na continuidade do trabalho “A reintegração social do detido num Estabelecimento Prisional. A Escola e o seu papel

ressocializador”, publicado em Desafios 15, Cadernos de trans_ formação maio de 2016, pp. 68-82 (https://www.fep.porto.ucp.pt/sites/default/files/files/FEP/SAME/Cadernos_Desafios_maio_2016.pdf). Resultante do interesse suscitado pelos participantes no Colóquio da AFIRSE, foi decidido submeter esta comunicação à Revista Portuguesa de Investigação Educacional (RPIE), uma vez que este número volta a este importante núcleo problemático da educação.

Dar a conhecer melhor a realidade do ensino nas prisões em Portugal, recentemente prejudicado pela pandemia de covid-19,

“como se desenvolve (aula, aprendizagem-serviço, participação sociocomunitária), como se concretiza a participação e de que formas se reveste, com que padrões se apresenta, o que é que a participação permite o que é que a participação permite expressar e o que é que silencia.” (Cabral & Alves, 2016)

1.3. Inventário da investigação produzida

Este desafio obrigou a investigadora a sistematizar todo o trabalho de quase 20 anos, no EPA, como docente e coordenadora da equipa pedagógica dos cursos EFA, níveis B1, B2, B3 e Secundário e a fazer a revisão do estado da arte, uma vez que o caminho percorrido é ainda muito curto face ao que será preciso percorrer.

1.3.1. Prisões: espaços de reeducação e Direito Penal

O Direito Penal em Portugal, e na maioria dos países, é dominado por dois princípios que representam garantias da liberdade individual: – *nullum crimen sine lege e nulla poena sine crimine* (nenhum crime sem lei e nenhuma pena sem crime). Nestes termos, é constituído por um complexo de normas que regulam os crimes e as penas e as medidas de segurança a que estão sujeitos os infratores cuja perigosidade subsiste para além do cumprimento da pena, ou aqueles que sendo imputáveis, não deixam de ser socialmente perigosos. A imposição de uma pena representa a diminuição de direitos individuais, mas pode ser necessária para permitir o “restabelecimento da ordem exterior da sociedade” (Carrara, 2004, cit. in Figueiredo Dias, 2004, p. 23). Mais que punir, deve evitar-se que alguém que tenha sofrido uma sanção penal, venha no futuro a cometer outro crime. Daí a grande importância do papel ressocializador da escola.

1.3.2. Ensino e formação nas prisões em Portugal

A competência da educação de reclusos nas prisões foi inicialmente da responsabilidade da Direção Geral dos Serviços Prisionais (DGSP), mas atualmente é um processo colaborativo entre o Ministério da Justiça (MJ) e o Ministério da Educação (ME) de acordo com o Decreto-Lei n.º 265/79, de 1 de agosto.

Depois de várias adaptações, a legislação prevê a possibilidade de formação escolar até ao 12.º ano, através de uma designada “Escola Associada” (critério de proximidade aos Estabelecimentos Prisionais) (Despacho Conjunto n.º 211/MJ/ME/79, de 1 de agosto e Despacho Conjunto n.º 112/MJ/ME/83, de 2 de novembro). Em algumas prisões portuguesas existe a possibilidade de frequência de Ensino Superior. São exemplos os protocolos celebrados com a Universidade Aberta e a Universidade da Madeira, para a modalidade de ensino a distância, em suporte de papel, e na modalidade de e-learning. O Despacho conjunto n.º 451/99, de 17 de maio de 1999, estabelece no seu preâmbulo:

“A Lei de Bases do Sistema Educativo, Lei n.º 46/86, de 14 de outubro, estabelece, no seu artigo 2.º que «todos os portugueses têm direito à educação e à cultura, nos termos da Constituição da República», cabendo ao Estado garantir «o direito a uma justa e efetiva igualdade de oportunidades no acesso e sucesso escolares». A população prisional portuguesa é constituída maioritariamente por jovens e adultos com baixos níveis de escolaridade e de qualificação, originados pelo abandono precoce do sistema educativo e pelas dificuldades em aceder ao sistema de formação profissional. No respeito pelo princípio da solidariedade, impõe-se criar condições que permitam a esta população adquirir competências facilitadoras de uma reintegração bem-sucedida. Constitui objetivo comum dos MJ e ME conjugar esforços no sentido de permitir a valorização pessoal da população reclusa, bem como a frequência e certificação dos ensinos básico ou secundário e a frequência de esquemas de formação que favoreçam o acesso à qualificação profissional.”

A escolaridade obrigatória deve ser “assegurada com caráter prioritário a reclusos jovens ou iletrados” e “ao recluso estrangeiro [deve ser] garantido acesso a programas

da língua portuguesa” (Lei n.º 115/2009 de 12 de outubro) e “o aproveitamento escolar, a assiduidade e o comportamento no espaço educativo são tidos em conta para efeitos de flexibilização da execução da pena e para efeito de atribuição de prémios” (Artigo 39.º – Incentivos ao ensino). Na maioria das prisões, a formação escolar e profissional é proporcionada por Cursos EFA (Despacho n.º 3447/2010, Despacho 26 401/2006, Portaria n.º 817/2007 de 27 de julho, Portaria n.º 230/2008 de 7 de março) e os professores

“estão muitas vezes na situação de ter de compensar os alunos das falhas da escola no passado e das falhas do sistema prisional no presente. [...] necessário assumir o compromisso de fazer mais e melhor pelo ensino em meio prisional. A intervenção educativa do professor baseia-se em grande parte na relação pessoal que estabelece com o recluso, que na maioria dos casos procura insistentemente atenção. Os reclusos, sujeitos ao isolamento, à falta de laços sociais afetivos e à necessidade de se sentir alvo de atenção especial, vêem nos professores uma lufada de ar fresco que os leva para outras esferas da vida.” (Gabriel, 2007, p. 20)

1.3.3. Organização e gestão dos cursos EFA oferecidos aos reclusos no EPA

Os referenciais de formação, atualmente em funcionamento no EPA, estão de acordo com o Catálogo Nacional de Qualificações (CNQ) (<http://www.catalogo.anqep.gov.pt/home/cnq/>), e são constituídos por uma componente de formação de base e uma componente de formação tecnológica – Ciências Informáticas – organizadas por unidades de formação de curta duração (UFCD) capitalizáveis e certificáveis de forma autónoma, dentro da mesma área de educação e formação, que muito contribuem para a Aprendizagem ao Longo da Vida (ALV). A equipa pedagógica do EPA que desenvolve as atividades letivas de todos os ciclos de ensino básico e secundário, na modalidade de Cursos EFA, em estreita articulação com Direção e Técnicos de Reinserção, é constituída por professores de vários grupos de recrutamento (Decreto-Lei n.º 27/2006, de 10 de fevereiro, alterado pelos Decretos-Lei n.º 176/2014, de 12 de dezembro e n.º 16/2018, de 7 de março). Cada professor é escolhido pela direção do AEA, de acordo com critérios rigorosos que garantam continuidade do trabalho

bem-sucedido, ter perfil para trabalhar em ambiente prisional, gostar de fazer esse trabalho e ter humildade e disponibilidade para trabalhar em grupo com os colegas, os formandos e demais entidades envolvidas no processo de formação e estar recetivo às limitações, à mudança e aos imprevistos que caracterizam o contexto prisional. Exige-se capacidade de improvisação, superação imediata de imprevistos, mobilização e criação de clima de aprendizagem facilitador para superar todos os constrangimentos que se verificam no contexto prisional; competências para potenciar um conjunto muito variado de práticas educativas, incluindo modalidades formais e não formais; domínio de metodologias ativas e dos princípios da andragogia em busca das melhores práticas e estratégias para ajudar adultos no processo de aprendizagem orientadas pelas experiências e saberes adquiridos ALV; competências para preparar e planear dispositivos e materiais pedagógicos adequados e permitidos em contexto prisional; facilidade em trabalhar em equipa e gerir a diversidade (pedagogia diferenciada e pedagogia inclusiva); disponibilidade interior para a superação de imprevistos e adaptação constante a situações novas. Sempre que possível, proporcionar momentos de aprendizagem e trabalho de pesquisa cooperativa e interpares, cientes que:

“formar não é só ensinar às pessoas determinados conteúdos, mas sim trabalhar coletivamente em torno da resolução de problemas, tomada de consciência das suas potencialidades e das fragilidades, desenvolvimento de competências conducentes a uma aprendizagem permanente. A formação é sempre um processo de transformação individual, na tripla dimensão do saber, do saber fazer e do saber ser.” (Loureiro, 2018 p. 7)

Nestes cursos privilegia-se a aprendizagem baseada em projetos (PBL) através da implementação de “Projetos Integradores” de carácter interdisciplinar, constituída por sessões conjuntas, com os formandos dos vários níveis, subordinados a temas problema que motivem os reclusos para a aprendizagem. Para além da integração curricular dos conhecimentos, potencia-se, através da partilha entre pares, a mobilização de outros saberes e capacidades individuais que contribuam para a concretização de um projeto comum.

Sabendo que:

“meio milhão de portugueses de analfabetos literais, do mundo rural e das zonas urbanas e suburbanas e a consequente exclusão social a que tais pessoas estão votadas, e de mais de dois milhões e meio de portugueses adultos com apenas o 1.º ciclo (cf. Relatório Estado da Educação 2017, CNE 2017), do mundo rural e das zonas urbanas e suburbanas e a consequente analfabetismo e as baixas literacias são uma realidade presente e perversa na sociedade portuguesa.” (Loureiro, 2018, p. 3)

cada professor/formador procura fazer muito mais do que lecionar e certificar aprendizagens, cumprindo as orientações curriculares dos cursos, adaptando estratégias e metodologias conducentes ao sucesso de cada formando. Para a concretização destes projetos estimula-se a colaboração de outras pessoas, individualidades e organizações locais e nacionais, entidades públicas e privadas, que enriquecem e complementam o papel da escola, de forma a que seja possível adequar às necessidades de cada formando e ao contexto específico dos espaços e equipamentos da prisão. Salientar que todas as pessoas que colaboram nos projetos, aceitam, também, todas as limitações impostas pelo sistema prisional, deslocam-se voluntariamente seguindo todas as recomendações. Procura-se:

“ajudar as pessoas, através dos contextos educativos a aprender a conhecer, a fazer, a ser e a conviver a delinear objetivos consonantes com o seu projeto de vida não se orienta por um programa já elaborado, nem por disciplinas formais. Tem um referencial próprio, que se vai construindo de forma interdisciplinar ao longo do processo, com a integração dos saberes e das aprendizagens das pessoas.” (Loureiro, 2018, p. 4)

e valorizar toda a experiência de vida de cada um, recheadas de sabores e de saberes diferentes, adquiridas através de um percurso formal, ou não formal

“de acordo com António Nóvoa ‘O adulto em situação de formação é portador de uma história de vida e de uma experiência profissional’, sendo de extrema importância valorizar essa história de vida e compreender o modo

como o adulto se apropria das suas vivências quotidianas sendo muito importante ouvir e valorizar essa história e compreender o modo como cada adulto se identifica com as suas vivências quotidianas.” (p. 5)

Se os temas-problema trabalhados fizerem sentido para os formandos, a motivação e a integração nas atividades será mais fácil, e conseqüentemente melhores aprendizagens serão adquiridas, no dizer de Fielding (2001) “aprendizaje intergeneracional como democracia vivida”. Tenta-se fazer a integração de tecnologias no espaço prisional, tanto quanto possível, com recurso a ferramentas e ambientes digitais, fundamentais para o desenvolvimento das competências digitais, que naturalmente exclui quem não as dominar minimamente no contexto social, tal como refere o programa integrado de política pública criado em 2017, “Iniciativa Nacional Competência Digitais e.2030, Portugal INCoDe.2030” (<https://www.incode2030.gov.pt/incode2030>) na medida em que

“vivemos num mundo que depende, cada vez mais, das tecnologias digitais e em que os dispositivos eletrónicos e plataformas online são a forma mais comum de interação. [...] necessidade crescente de literacia digital em praticamente todas as profissões. [...] As competências digitais são essenciais para o exercício pleno da cidadania, atuando também como facilitador da empregabilidade, ao darem resposta às exigências da crescente digitalização do mercado de trabalho [...]. As competências digitais são igualmente da maior importância para o desenvolvimento de um pensamento crítico e multifacetado, e para promover a inclusão, a autonomia o bem-estar e a justiça social. [...] o que conduz a uma necessidade crescente de literacia digital em praticamente todas as profissões.”

A educação digital vai marcar a década dos anos 20 e deve ser inclusiva e universal para garantir que ninguém fica para trás (Plano de Recuperação e Resiliência (PRR) “Recuperar Portugal – Construindo o Futuro” submetido a Bruxelas, no dia 22 de abril de 2021 (<https://www.portugal.gov.pt/>). Sendo prioritária, com a pandemia, a educação digital tornou-se ainda mais urgente, quando as aulas presenciais foram suspensas e foi

possível perceber melhor as lacunas existentes a nível digital e a necessidade de adequar as estruturas à realidade atual.

“A pandemia demonstrou a necessidade de se dispor de estruturas e redes digitais eficazes que permitam desmaterializar as aprendizagens, as transações e os processos e, quando adequado, possibilitar o trabalho remoto, acelerando, de forma inclusiva, a transformação digital que estava em curso, sendo o reforço da relevância da aprendizagem de adultos para as necessidades do mercado de trabalho [...] onde se pretende aumentar a capacidade de resposta do sistema educativo e formativo português, sobretudo dos jovens e dos adultos com baixas habilitações, em estreita ligação com as necessidades do tecido empresarial.” (p. 39)

Numa tentativa de igualdade de oportunidades para todos, para reduzir a exclusão social e aumentar a igualdade de oportunidade para grupos mais vulneráveis, como é o caso dos reclusos, é importante apostar nas qualificações e competências. No PRR está prevista uma verba para

“aumentar a capacidade de resposta do sistema educativo e formativo, para combater as desigualdades sociais e de género e aumentar a resiliência do emprego (em situações de crise económica como a provocada pela pandemia), sobretudo dos jovens e dos adultos com baixas qualificações. [...]. As reformas estão alinhadas com os objetivos definidos no âmbito da Estratégia Portugal 2030, sendo esperado que os resultados das intervenções contribuam para reduzir a percentagem de adultos, incluindo jovens, em idade ativa sem o nível de ensino secundário; [...] reforçar a participação de adultos em formação ao longo da vida.” (p. 68)

mas a modernização das infraestruturas tecnológicas dentro dos Estabelecimentos Prisionais é também urgente, porque lá se encontram muitos dos adultos ativos com baixos níveis de qualificações e a maioria desempregados. Mais do que em qualquer outro espaço de ensino aprendizagem, é preciso ser capaz de escutar as necessidades,

interesses e motivações dos formandos e adaptar as atividades às condições do grupo; proporcionar um ambiente de confiança e empatia; promover atitudes e comportamentos que incentivem a participação ativa de todos; favorecer a aplicação e utilização imediata das aprendizagens realizadas e das competências adquiridas; abrir horizontes e vias de debate sobre as possibilidades de participação dos reclusos, para garantir uma educação mais inclusiva e democrática.

2. Metodologia

2.1. Contextualização, problema da investigação e finalidades do estudo de caso

Trata-se de uma investigação de natureza qualitativa, que seguiu uma abordagem metodológica de aproximação à Investigação-Ação (I-A), centrada no estudo de caso do EPA, com a finalidade de analisar a problemática das consequências da crise pandémica da covid-19 na organização e gestão das atividades escolares dos 32 reclusos, que frequentavam a escola durante o período de 15 de março de 2020 a 31 de maio de 2021. No dia 13 de março, foram recebidos dois comunicados, um proveniente da Direção-Geral de Reinserção e Serviços Prisionais (DGRSP), e outro da Direção do AEA que nos impedia de continuar as aulas presenciais:

“Plano de Contingência para o COVID 19 Fase de Contenção Alargada Atualização. No acompanhamento do evoluir da situação epidémica de todos conhecida e seguindo atentamente as recomendações da Tutela (Ministério da Justiça) e da Direção Geral de Saúde, tenho por bem anunciar as seguintes medidas para os estabelecimentos prisionais e Centros Educativos onde já foram restringidas as visitas, e que por mera questão de clareza, identifico de novo: – E.P. Custóias; – E.P.P.J. (Porto); – E.P. St.^a Cruz (masc. e fem.); – E.P. Paços de Ferreira; – E.P. Vale do Sousa; – E.P. Viana do Castelo; – E.P. Guimarães; – E.P. Braga; – E.P. Aveiro; – C.E. St.^o António; – C.E. St.^a Clara. Medida: ficam suspensas por ora e até instruções em contrário as ações académicas e de formação asseguradas por professores do Ministério da Educação e do Centro Protocolar de Justiça. (Direção-Geral de Reinserção e Serviços Prisionais Gabinete do Diretor-Geral, Lisboa, 13 de março de 2020, 10:30 horas)”

O comunicado da Presidência do Conselho de Ministros, Decreto-Lei n.º 10-A/2020 de 13 de março, impôs o encerramento de todo o tipo de escolas a partir do dia 16 de março.

2.2. Questões de investigação

Para realizar esta investigação, partiu-se da seguinte questão orientadora: Quais foram as consequências da crise pandémica da covid-19 na organização, gestão e desenvolvimento das atividades escolares dos cursos EFA no EPA?

A observação participada no contexto prisional, registadas em notas de campo da investigadora, identificam características identitárias, comportamentos, competências, atitudes e posturas específicas que sugerem questões-problema, na procura de estratégias capazes de melhorar as qualificações escolares e a reinserção social dos formandos/reclusos através da formação escolar, mesmo em condições limitadas pela pandemia de covid-19.

Assim, definiram-se as seguintes questões de investigação:

- 1ª Questão – Até que ponto a falta de contacto presencial com os formandos prejudicou a sua motivação para continuar a frequência dos cursos EFA na EPA?
- 2ª Questão – Até que ponto foi importante manter as atividades escolares a distância, através do envio e receção de documentos escritos, mediados pela Direção do EPA?
- 3ª Questão – Até que ponto foi importante manter as atividades escolares presenciais no parlatório, em horário reduzido, e através da barreira de acrílico?
- 4ª Questão – Que outras estratégias poderiam ter sido feitas, de forma diferente, que pudessem contribuir para melhorar as atividades escolares dos reclusos, durante o tempo de suspensão das aulas presenciais?
- 5ª Questão – Quais foram as razões do abandono escolar dos formandos que, estando inicialmente inscritos, e ainda se mantêm no EPA, desistiram da escola?

6ª Questão – Quais foram as razões que levaram novos reclusos a inscreverem-se nos cursos EFA, apesar de conhecerem todas as limitações do ensino presencial no parlatório e a distância.

2.3. Design da investigação

Toda a situação pandémica foi inesperada e exigiu respostas rápidas e eficazes aos problemas crescentes, criou dúvidas e vontade de aproveitar a situação emergente para adquirir preparação para futuras situações e responder de forma assertiva e imediata. As estratégias adotadas, pensadas, mas nunca experimentadas, foram sendo aplicadas e o *feedback* de todos os participantes registado, de forma a que se fosse possível a sua adaptação *ongoing* e em tempo real. Com frequência quase diária, eram estabelecidos contactos entre todos os responsáveis pela organização, para avaliação dos resultados observados: variação do número de participantes nas atividades escolares, manifestação/ levantamento de dificuldades, desmotivação de alguns pela escola, de dúvidas relacionadas com a situação pandémica e de outras angústias reveladas no diário que foi proposto aos reclusos. Participaram neste estudo trinta e dois (32) reclusos, que frequentaram a escola durante os anos letivos de 2019-2020 e 2020-2021 (todos os adultos inscritos no processo de educação formação profissional, antes do início da pandemia, no ano letivo de 2019-2020 e durante todo o período que durou a pesquisa. Uns abandonaram antes do final do estudo, 31 de maio de 2021); onze professores da equipa pedagógica; o diretor do EPA, o seu adjunto substituto e dois (2) técnicos superiores de reeducação (TSR).

2.4. Caracterização dos participantes

Os participantes desta pesquisa foram: 32 reclusos da EPA (com idades compreendidas entre os 19 e os 59 anos, desde baixa ou nenhuma escolaridade, até formação de nível superior, que aguardavam julgamento e manifestaram interesse em frequentar os cursos EFA), o psicólogo clínico a exercer funções de adjunto do diretor do EPA, dois técnicos superiores de reeducação e onze professores da equipa pedagógica do AEA, a prestar apoio no EPA.

2.5. Técnicas de recolha e produção de dados

Como técnicas de recolha e produção de dados, foram privilegiadas as entrevistas semiestruturadas no parlatório através da barreira de acrílico, a análise de documentos escritos pelos reclusos nas atividades escolares propostas – diário ou reflexões sobre temas relacionados com a pandemia de covid-19. As reuniões formais e informais com a equipa pedagógica, com o adjunto e substituto do diretor do EPA e técnicos de educação e reinserção, e ainda, todos os momentos de partilha das quais resultaram registo de reflexões pessoais.

2.6. Técnicas de análise e interpretação de dados

Como técnicas de análise e interpretação de dados foi usada a análise de conteúdo de toda a informação qualitativa recolhida durante o estudo, ao longo do período de tempo compreendido entre 15 de setembro de 2019 e 31 de maio de 2021, nas entrevistas semiestruturada feitas aos formandos, a opinião recolhida junto de professores da equipa pedagógica, dos elementos da direção e serviços técnicos de reinserção do EPA, que tiveram contacto direto com os reclusos e manifestaram interesse em aprofundar esta esta problemática.

3. Apresentação e interpretação dos resultados

Os quadros seguintes, numerados de 1 a 3 resumem a análise de conteúdo da informação qualitativa recolhida durante todos os períodos de ensino e formação, organizada pelas seguintes categorias:

Quadro 1. Importância do contacto com os formandos no desenvolvimento das atividades letivas no EPA/ Ensino presencial (na sala de aulas) /Ensino a distância através de envio de documentos/ Ensino presencial no parlatório através de barreira de acrílico e uso de máscara.

Quadro 2. Motivações que levam os reclusos a manterem-se, ou a inscreverem-se pela primeira vez, nos cursos EFA, apesar das limitações impostas pela pandemia /Razões do abandono provocado pelo ensino a distância.

Quadro 3. Importância de não se terem interrompido as atividades (presencial e ou a distância) / Sugestões para melhorar as estratégias de ensino no futuro?

Quadro 1. Importância do contacto no desenvolvimento das atividades letivas no EPA /Ensino Presencial /Ensino através do envio de documentos/ Ensino no parlatório através de barreira de acrílico

| Aulas presenciais normais | Ensino a distância, através do envio de documentos | Aulas presenciais no parlatório através do acrílico e de uso de máscara | Unidades de sentido. Relatos de testemunhos de formandos, professores da equipa pedagógica, Psicólogo Clínico (adjunto e substituto do diretor do EPA), TRR |
|---|---|--|---|
| <p>Permite adaptar de imediato estratégias às dificuldades dos formandos que as manifestam não só através de questões, como também de expressões faciais ou de comportamento.</p> <p>Permite acompanhamento individualizado na realização das tarefas.</p> <p>Permite a realização de atividades complementares de caráter sócio cultural como as referidas na tabela 1 do subcapítulo 6.1.</p> <p>Permite desenvolver competências de respeito pelos outros; Saber estar; Cumprir regras em sala de aula; Organização de participação oral; Partilha de saberes.</p> | <p>A adaptação das estratégias às características individuais dos formandos não pode acontecer de imediato. O tempo que medeia entre o momento em que o formando sente a dificuldade – a realizar a atividade – e o momento em que lhe chega a resposta do professor e a adaptação da estratégia é demasiado longo para ser eficaz.</p> <p>A realização das tarefas em papel, através apenas de leitura e interpretação de documentos individualmente, isola o formando, nas suas conclusões.</p> | <p>A visualização entre formando e professor é limitada; perde-se capacidade de ouvir e/ou perceber a linguagem. Os professores não têm como mostrar aos formandos, no papel, como se faz. E exemplo de como fazer através do acrílico por vezes confunde os formandos. As aulas de informática tornam-se particularmente difíceis e exigem mais tempo (que também não se tem)</p> <p>A conversa em grupo, a discussão, o debate ou até mesmo a partilha de experiências é impossível. Não se ouve. Os professores não são visíveis a todos os formandos ao mesmo tempo.</p> | <p>As aulas presenciais eram muito importantes para mim, porque tenho dificuldade em entender os trabalhos e também em ouvir. [...]. Passei a não ter visitas dos meus familiares A escola é quase como ter visitas. [...] Não realizei sempre as atividades que os professores mandaram porque tive alguns problemas, sobretudo nas fichas de linguagem e comunicação. (FR 2 – 23 anos – 4.º ano)</p> <p>O que mais me custou foi deixar de ter visitas e escola ... ter de ficar em completo isolamento, em quarentena, sem sequer estar com os meus colegas de prisão. (FR 3 – 32 anos – 9.º ano)</p> <p>Há muitos tempos mortos dentro de um Estabelecimento Prisional (FR 4 – 43 anos – licenciatura em psicologia)</p> <p>É muito importante o contacto presencial pois pode dissipar-se dúvidas existentes através do auxílio dos professores. (RF 5 – 43 anos – licenciatura em psicologia)</p> <p>Em contexto prisional a intervenção pedagógica em situação regular, assenta num conjunto de relações interpessoais de motivação, reforço e desenvolvimento de competências, em que a diversidade de códigos de comunicação contribui de forma determinante para o sucesso escolar. [...] O ensino à distância, enquanto alternativa disponível para dar continuidade ao processo de aprendizagem dos formandos, pelos constrangimentos inerentes à sua situação de reclusos, implicou por parte dos docentes uma enorme criatividade na procura de estratégias de intervenção exequíveis, uma vez que referencial deixou de existir. (Rosa Gadanho – Prof. 1.º Ciclo)</p> <p>A falta de apoio presencial, aliada à pouca motivação muitas vezes sentida pelos reclusos em se manterem na escola mesmo em regime presencial e as suas</p> |

| Aulas presenciais normais | Ensino a distância, através do envio de documentos | Aulas presenciais no parlatório através do acrílico e de uso de máscara | Unidades de sentido. Relatos de testemunhos de formandos, professores da equipa pedagógica, Psicólogo Clínico (adjunto e substituto do diretor do EPA), TRR |
|---|--|--|--|
| <p>Permite a realização de atividades socioculturais, com participação de pessoas do exterior fundamentais para melhorar relacionamento interpessoal e reconhecer papel da sociedade civil na reinserção de reclusos.</p> <p>Permite privacidade na exposição de emoções, que podem ser partilhadas só como professor ou com a turma; permite abordagem de assuntos de caráter pessoal, a propósito de temáticas dos conteúdos.</p> <p>Permite promover atividades adequadas a situações manifestamente necessitadas de ajuda emocional, como terapias reconectivas, meditação ou outras.</p> | <p>Mesmo que em grupo com outros formandos do mesmo nível, a oportunidade de perceber se o diálogo se enquadra no contexto é muito limitada.</p> <p>As emoções individuais dos formandos não podem ser partilhadas. A possibilidade de realizar trabalhos de grupo existe (mesmo com distanciamento, seria possível a realização de trabalhos de grupo, com um número mínimo de formandos), no entanto, as orientações nas dúvidas dos formandos, não chegam em tempo oportuno, o que prejudica o desenvolvimento do trabalho, levando a desmotivação e desistência.</p> | <p>Impossível gerir uma tarefa de grupo e consequentemente desenvolver competências de respeito pelos outros, colaboração.</p> <p>A distância que separa todos os intervenientes e a falta de visibilidade de expressões faciais, limita consideravelmente a partilha de dificuldades e o apoio próximo que muitas vezes é necessário em contexto de sala de aula.</p> <p>A motivação para ultrapassar constrangimentos pessoais é difícil dadas as limitações de poder ter uma conversa perceptível.</p> <p>Dadas as condições de afastamento e separação física pelo acrílico as dificuldades de realização de</p> | <p>características pessoais, tornou-se mais patente. Estes meses foram muito exigentes para todos os envolvidos. A avaliação mais tradicional, baseada em apoio presencial principalmente para os níveis de ensino mais baixos. (Ana Cruz – TRR)</p> <p>Parece-me que a resposta dos reclusos foi diferenciada. Aqueles que vinham da experiência das aulas presenciais e que estavam habituados à interação próxima e sem barreiras com os professores, fizeram bem a transição e, numa primeira fase, a adesão foi muito estimulante e o empenho também foi positivo, de uma forma geral. À medida que o ensino à distância se prolongou e foram ingressando formandos que nunca tiveram o contato com os professores em sala de aula, fiquei com a impressão de que o compromisso com a frequência das aulas e realização das fichas foi menor. Julgo que, em parte, também se foi instalando alguma desmotivação com o formato que, muitos acreditaram (e nós!), seria temporário e que a interrupção motivada pelo surto interno também enfraqueceu o vínculo dos formandos com a escola. [...] A presença dos professores, ainda que com a barreira física e durante um tempo limitado da semana, é insubstituível. Atrevo-me a dizer que o nosso formato tem mesmo mais vantagens do que as aulas síncronas através de videoconferência pois a presença física do professor no mesmo espaço e em tempo real faz toda a diferença. Simultaneamente, o esforço para manter as aulas com computadores, a distribuição de fichas e materiais de escrita e todos os cuidados de segurança que tivemos transmitiram aos reclusos que fizemos, de facto, o ‘impossível’ para garantir que a escola não parava e que os professores vinham ao EP. Em todo o caso, concluído este período letivo e caso tenhamos condições de segurança para tal – locais e gerais –, sou da opinião que teremos que regressar às salas de aula e à zona prisional pois não só são espaços de trabalho mais bem apetrechados</p> |

| Aulas presenciais normais | Ensino a distância, através do envio de documentos | Aulas presenciais no parlatório através do acrílico e de uso de máscara | Unidades de sentido. Relatos de testemunhos de formandos, professores da equipa pedagógica, Psicólogo Clínico (adjunto e substituto do diretor do EPA), TRR |
|---|--|--|---|
| <p>Permite realização de trabalhos de grupo com todas as vantagens dessa estratégia para desenvolvimento de aprendizagens.</p> <p>Permite desenvolver competências de respeito pelos outros; Saber estar; Partilha de saberes.</p> <p>Permite que cada um se sinta igual aos seus pares e consequentemente enquadrado no meio onde está inserido; permite que cada um descubra as suas fragilidades e capacidades importantes para a concretização de uma tarefa comum.</p> | | <p>trabalhos de grupo iriam sobrepor-se a qualquer vantagem que pudesse resultar dessa estratégia.</p> | <p>como é fundamental assegurar a carga horária de aulas presenciais que mantenha a rotina escolar. (Cláudio Pedrosa- Psicólogo Clínico – Adjunto e substituto do Diretor do EPA)</p> <p>Nas escolas utilizamos recursos digitais para fazer face à distância física, contudo, neste caso essa abordagem não foi possível. Apenas papel era permitido e transformar uma disciplina iminentemente prática da área tecnológica em teórica/expositiva, sem recurso à tecnologia, foi muito difícil. (Ana Luísa Brito –Prof. de Informática Nível Sec.)</p> <p>O envio de trabalho autónomo, ainda que se evidenciassem algumas dificuldades por escassez de formação académica, houve, no entanto, um esforço em acompanhar as atividades propostas por parte dos formandos. De salientar que, mais uma vez, o corpo docente e a própria direção do Estabelecimento tiveram sempre no respaldo a qualquer dificuldade sentida. [...]</p> <p>O Ensino à distância no EPA, sem aulas presenciais foi muito difícil, pelo facto do ensino prático de Informática de alguns formandos com limitados conhecimentos de utilização de computadores e sem o consequente acompanhamento presencial e impossibilidade de uso de computadores, dificultou quase totalmente a aprendizagem, tanto de carácter prático como teórico. Tendo principalmente consistido em informações teóricas muito genéricas (Jorge Simões –Professor de Informática Nível Básico – 1.º Ciclo)</p> <p>Quando houve uma suspensão total das atividades, este universo de reclusos já por si confinado, terá sentido duplamente um isolamento forçado e muito difícil, o que levou a pensar nas atividades académicas com um olhar muito mais apelativo e saudoso. A retoma das atividades justificou uma ansiedade pelas mesmas patenteada pelos reclusos, ainda que as dificuldades inerentes</p> |

| Aulas presenciais normais | Ensino a distância, através do envio de documentos | Aulas presenciais no parlatório através do acrílico e de uso de máscara | Unidades de sentido. Relatos de testemunhos de formandos, professores da equipa pedagógica, Psicólogo Clínico (adjunto e substituto do diretor do EPA), TRR |
|---------------------------|--|---|--|
| | | | <p>a uma insuficiente formação de base académica, justifique, muitas vezes, uma necessidade de divergência face às atividades propostas, que, com cuidado e com especial atenção, o corpo docente saberá e terá que fazer ultrapassar. [...] (Paula Barbado – Prof. de Cidadania e Profissionalidade – NS.)</p> <p>Nuns casos a frequência escolar “à distância” foi vivida de forma positiva, noutros de forma negativa. Há reclusos com necessidades e competências muito distintas. Não considero vantagens nas sessões presenciais através do acrílico por se tratar de um conceito que a única finalidade é prevenir o contágio, minimizando tudo o que o ensino presencial aporta. (Adolfo TRR)</p> <p>Não foi fácil a adaptação. Primeiro não pudemos entrar no edifício. Tivemos que arranjar alternativas para não deixar os formandos sem atividades. A solução encontrada pela equipa foi a elaboração de fichas das várias disciplinas organizadas por ciclos que eram distribuídos aos alunos. Na semana seguinte, as fichas tinham as soluções das anteriores acrescidas das novas atividades. A nossa coordenadora levantava as fichas e nós corrigíamos em casa. Foi cansativo. Este ano letivo começámos com aulas semi presenciais, no parlatório com um máximo de 8 alunos. Temos um acrílico a separar, cumprimos as regras de segurança e higienização. Continuamos a enviar fichas de trabalho, mas torna-se difícil ajudar os formandos, pois não podemos indicar na folha do aluno o que está mal e o que está correto. O acrílico não deixa. O que falta? Falta a relação mais próxima com os formandos para esclarecimento de dúvidas. Faltam todos aqueles momentos vivenciados em conjunto para realizar as variadas atividades lúdicas no Natal e na Páscoa. Faltam os momentos com a Fábrica da Ciência, uma vez por mês, que davam a conhecer diversas atividades. Os momentos em que púnhamos as mãos no barro, para criar arte, para fazer pequenos mimos para oferecer às mães</p> |

| Aulas presenciais normais | Ensino a distância, através do envio de documentos | Aulas presenciais no parlatório através do acrílico e de uso de máscara | Unidades de sentido. Relatos de testemunhos de formandos, professores da equipa pedagógica, Psicólogo Clínico (adjunto e substituto do diretor do EPA), TRR |
|---------------------------|--|---|---|
| | | | <p>e filhos pelo Natal, Dia da Mãe, dia da criança. E todos os encontros com profissionais de saúde que davam a conhecer informação sobre temas de interesse aos formandos. (Graça Estima, Professora de Matemática – 3.º Ciclo)</p> <p>E para alguns, algo muito importante foi interrompido: A Escola! De 2ª a 6ª feira, de manhã e à tarde tínhamos aulas, em salas reservadas para o efeito. A cada dia que passa vão aumentando as saudades desse espaço tão diferente de todo o resto da penitenciária, e principalmente do que decorria dentro dessas salas. Neste momento a falta de contacto com as professoras, as conversas que tínhamos e os temas das mesmas, até a própria linguagem utilizada, é mais sentida. [...] infelizmente, mas compreensível, a suspensão das aulas foi uma das primeiras medidas mais drásticas tomadas em consequência da Pandemia. Esta interrupção, por tempo indeterminado, tem sido muito dura para mim e para muitos e á algo comentado entre nós variadíssimas vezes. A esse grupo de pessoas que ainda agora nos enviam trabalhos do exterior, e que com toda a certeza afirmo, será por razões que não se ficam pelo aspeto de aproveitamento letivo, mas também humano e afetivo, gostaria de mandar um enorme muito obrigado! (FR 21 – 56 anos – 12.º ano)</p> <p>Tenho saudades das aulas presenciais. Quando os professores mandavam as fichas, não fiz sempre porque tinha alguns problemas. Dificuldades em Linguagem e Comunicação. Agora tenho dificuldades em ouvir – (FR 13 – 23 anos – 4.º ano)</p> <p>Quando soube que as aulas presenciais iam ser interrompidas fiquei um pouco triste pois o tempo passado nas aulas tirava-me do “mundo de reclusão” fazendo-me sentir bem psicologicamente. Fiquei ansioso e um pouco apático. (FR 19 – 37 anos – 10.º ano)</p> |

Fonte: Orquídea, 2021

Quadro 2. Motivações que levam os reclusos a manterem-se ou a inscreverem-se pela primeira vez nos cursos apesar das limitações impostas / Razões para o abandono provocado pelo ensino à distância.

| Motivação | Razões | Unidades de sentido. Relato de testemunhos de formandos, professores da equipa pedagógica, Psicólogo Clínico (adjunto e substituto do diretor do EPA), TRR |
|--------------------------------------|--|---|
| Para continuar a frequentar a escola | Para melhorar competências escolares; Porque têm esperança que a situação seja revertida e se volte ao ensino presencial “como dantes”; Porque não encontra outra forma melhor de estar ocupado dentro da prisão; Porque apesar de tudo gosta dessa ocupação; Porque quer ter um bom relatório de desempenho no EPA. | Vi uma oportunidade de voltar à escola e tinha muita vontade. Mantive-me porque percebi que tinha oportunidade de fazer alguma escolaridade. (FR 13 – 23 anos – 4.º ano) Não desisti porque tenho intensão de concluir a escolaridade e porque me alivia o stress. A escola faz-me sentir melhor: é como se não estivesse detido e também lembro matérias esquecidas. (FR 19 – 37 anos – 10.º ano) A escola faz-me bastante falta. Continuei inscrito porque nunca deixei de dar importância a tudo o que a escola proporciona (FR 28 – 56 anos – 12.º ano) |
| Para se inscrever pela primeira vez | Porque não sabia como era o funcionamento; Porque quer adquirir melhores competências escolares; Porque quer ter um bom relatório de desempenho no EPA. | Quero terminar o 12.º ano porque acho uma mais valia na vida profissional (FR 15 – 38 anos – 9.º ano) Quero aproveitar o tempo em que estou detido para concluir os estudos. (FR 21-30 anos – 11.º ano) |
| Para abandonar | Porque sentiu muitas dificuldades na realização das tarefas; porque ficou deprimido com a situação e “sem condições emocionais” para continuar com essa responsabilidade; Porque o que gostava na escola era da presença em sala de aula. | Tinha muitas dificuldades. Não tinha como esclarecer as dúvidas. Falta de apoio (FR 30 – 29 anos – 4.º ano) Fiquei sem vontade de nada (FR 23 – 31 anos – 9.º ano) |

Fonte: Orquídea, 2021

Quadro 3. Importância de não ter interrompido as atividades (presencial e ou a distância) / Sugestões para melhorar as estratégias de ensino no futuro?

| Estratégias | Unidades de sentido. Relato de testemunhos de formandos, professores da equipa pedagógica, Psicólogo Clínico (adjunto e substituto do diretor do EPA), TRR |
|---|--|
| Dotar os Estabelecimentos Prisionais de recursos digitais adequados para possibilitar algum ensino a distância através de plataformas digitais; | <p>Foi importante não se ter interrompido, por forma manter os rituais e as rotinas dando alguma normalidade e sentido ocupacional, mantendo a responsabilidade. É possível considerar metodologias e modelos de aprendizagem que decorram num modelo misto, obtendo resultados em função das opções que cada arguido eventualmente viesse a escolher. (Adolfo TRR)</p> <p>Não tenho qualquer dúvida. Fomos dos primeiros a responder e não deixámos o tempo passar sem atividades letivas. Infelizmente, sofremos a interrupção forçada pelo surto interno que desmotivou vários formandos. No entanto, é de assinalar que ao nível do secundário, por exemplo, a adesão a este formato e perseverança dos formandos não sofreu revés. [...]</p> <p>Como referi, espero que no futuro próximo possamos retomar as aulas na zona prisional. Parece-me que a aprendizagem mais importante é que professores e formandos são flexíveis o suficiente para prosseguirem as atividades letivas mesmo em condições adversas e difíceis. Para além disto, julgo que fomos tão longe quanto nos foi possível, dentro dos condicionalismos, para assegurar ao funcionamento da escola na prisão em tempo de pandemia. (Cláudio Pedrosa- Psicólogo Clínico – Adjunto e substituto do Diretor do EPA)</p> <p>O que se aprendeu com a experiência pandémica é que o ensino especialmente em meio prisional e para formandos com poucos conhecimentos, devido às suas limitações académicas e também por terem deixado de estudar há muito tempo, terem dificuldades em ser mais autónomos e o facto do ensino ter como princípio fundamental, especialmente as aulas de informática em contexto de reclusão, a presença do professor orientador, qual “personal trainer” As dificuldades sentidas e as adversidades na comunicação desenvolveram nos professores capacidades de entender melhor os perfis dos formandos e necessidade de desenvolver estratégias para ultrapassar as barreiras presenciais criadas pelo separador em acrílico, tendo sido executadas fichas adequadas a essa realidade, pelo que tem havido algum sucesso. A criatividade desenvolvida pelos formadores/as para estimular os alunos teve êxito, devido ao facto dos formandos terem interesse e expectativas em desenvolver aprendizagens com o objetivo de aumentar as suas qualificações e resiliência num mundo atual tão exigente e em constante mudança. (Jorge Simões – Professor de Informática Nível Básico – 1.º Ciclo)</p> <p>Não reconhecendo vantagens pedagógicas à alternativa encontrada e assumindo-a exclusivamente enquanto opção disponível, não deixou de ser surpreendente o acolhimento da mesma por parte dos formandos/reclusos que mais tarde referiram ser “a única” ligação que tinham com o exterior. (Rosa Gadanho – Professora 1.º Ciclo)</p> <p>Que o ensino na prisão deve começar a contemplar vários ambientes de aprendizagem e que se deve investir na formação tecnológica e digital para fazer face a situações como a que vivemos atualmente. (Ana Luísa Brito – Prof. de Informática NS)</p> |

| | |
|---|---|
| Estratégias | Unidades de sentido. Relato de testemunhos de formandos, professores da equipa pedagógica, Psicólogo Clínico (adjunto e substituto do diretor do EPA), TRR |
| Organizar espaços no EPA, maiores e mais adequados a aulas presenciais em segurança, mas sem necessidade da barreira de acrílico. | <p>Para mim é bom que a escola continue nestas condições. Posso aprender e acabar a escolaridade. E há segurança e distanciamento social. Sinto-me seguro. (FR 4 – 32 anos – 9.º ano)</p> <p>Mesmo nestas condições, a escola é uma boa maneira de estar ocupado e apreender ou aprofundar conhecimentos e competências. Oportunidade de sair das rotinas pesadas. Libertar o espírito. (FR 5 – 43 anos – licenciatura em psicologia)</p> <p>Não vi vantagem em ter-se continuado a escola nesta situação. Estes meses foram muito exigentes para todos os envolvidos. A avaliação mais tradicional, baseada em apoio presencial principalmente para os níveis de ensino mais baixos. (Ana Cruz TRR)</p> <p>É bom andar na escola mesmo assim. Posso aprender e terminar o 12.º ano e há segurança e distanciamento social. (FR 17 – 32 anos – 9.º ano)</p> <p>É a única maneira possível e tem de se aceitar. (FR 13 – 23 anos – 4.º ano)</p> <p>Era importante ter mais tempo de aulas, mesmo através do acrílico. (FR 19 – 37 anos – 10.º ano)</p> <p>Mais pelo menos um dia de aulas presenciais (através do acrílico) por semana, pois os reclusos têm bastante tempo disponível que passam sozinhos. (FR 5 – 43 anos – licenciatura psicologia)</p> <p>Dentro das limitações impostas pelo EPA e pela DGS acho que pouco ou nada se poderia ter alterado. Todas as sugestões que poderia apresentar para melhorar, encontrariam oposição pelas conhecidas limitações obrigatórias. O balanço que faço é muito positivo, e os aspetos mais favoráveis e compensadores foram a obtenção de certificado de 12.º ano, a manutenção do contacto com o mundo exterior e os meus interesses no mesmo. (FR28 – 56 anos- 12.º ano)</p> |

Fonte: Orquídea, 2021

Os resultados obtidos revelam: i) um agravamento dos constrangimentos na organização e gestão dos cursos EFA, devido à quase inexistência de recursos materiais, didáticos, pedagógicos, e sobretudo informáticos, resultantes das limitações impostas pelo sistema prisional, durante as várias fases do confinamento, provocadas pela crise pandémica da covid-19; ii) o enorme esforço despendido por todos os envolvidos diretamente no processo de formação, para se adaptarem aos novos contextos e conseguirem concretizar as atividades e projetos escolares; iii) a importância, reconhecida pela maioria, de se ter continuado a tentar ultrapassar todos os dias os obstáculos imprevistos e não se terem interrompido as atividades com os formandos e assegurar ao funcionamento da escola na prisão em tempo de pandemia; iv) a perseverança dos formandos, ao nível do secundário não sofreu revés.

4. Respostas às questões de investigação e discussão dos resultados

A análise e interpretação dos resultados permitiram responder às questões de investigação enunciadas.

4.1. Respostas às questões de investigação

Partindo da questão orientadora previamente enunciada: Quais foram as consequências da crise pandémica da covid-19 na organização, gestão e desenvolvimento das atividades escolares dos cursos EFA no EPA? Respondeu-se a cada uma das questões de investigação inventariadas no Capítulo 2.

1.ª Questão – Até que ponto a falta de contacto presencial com os formandos prejudicou a sua motivação para continuar a frequência dos cursos EFA na EPA?

De acordo com os resultados do Quadro 1 confirma-se que a escola é, para a maioria dos formandos, muito mais que a simples aquisição de conhecimento, o desenvolvimento de competências escolares e participação em grupo de pares e professores. A realização de atividades escolares e complementares compensam a solidão e revolta que sentem na prisão. A relação com os professores ajuda, muitas vezes, a sentirem algum apoio emocional diferente do institucional prisional. Para muitos formandos o mais importante não é a aquisição de conhecimentos nem a valorização académica. O tempo do dia ocupado num espaço físico mais agradável e em contexto tranquilo, a oportunidade

de participar em atividades socioculturais, muitas vezes lúdicas e até divertidas, com a possibilidade de realizar trabalhos que depois servem de presentes para familiares de quem estão longe, são para muitos formandos reclusos as únicas motivações para frequência da escola. A inexistência desse espaço de partilha provocou desmotivação e abandono.

2.^a Questão – Até que ponto foi importante manter as atividades escolares a distância, através do envio e receção de documentos escritos, mediados pela Direção do EPA?

Muitos reclusos consideram a manutenção deste contacto com a escola, ainda que de uma forma tão fria e tão distante, foi importante para que continuassem ligados à escola e com a certeza de que não tinham sido “abandonados”. Há, no entanto, quem considere que o melhor teria sido interromper até se criarem as condições que permitissem a “normalidade” que se conhecia antes de 16 março de 2020 (Quadro 1) e que não valeu a pena todo o trabalho desenvolvido e os momentos de desmotivação ultrapassados, porque nem sempre o feedback dos formandos era o desejável.

3.^a Questão – Até que ponto foi importante manter as atividades escolares presenciais no parlatório, em horário reduzido, e através da barreira de acrílico?

Com todas as limitações que a barreira de acrílico introduz nesta relação pedagógica, desde a dificuldade de se visualizar, o grupo dos 8 formandos/turno, devido ao reflexo, as grandes dificuldades de audição e a impossibilidade de mostrar diretamente no papel, ou no computador, como se faz um exercício ou indicar uma frase num texto, a presença física foi muito importante. Apesar de tudo, os momentos destas sessões presenciais, permitem perceber, pelas expressões e comportamento dos formandos, como se estão a sentir e que motivações precisam de ser encorajadas, mais do esclarecer dúvidas individuais, dar indicações para realização das tarefas propostas. Para os formandos, aquele(s) momento(s) semanal(ais) são o contacto possível com a escola, o apoio que precisam para continuar as tarefas escolares e não desistir de melhorar o seu percurso escolar, de “sobreviver” às adversidades e à maior solidão que se vive na prisão, num tempo de pandemia (Quadros 1 e 2).

4.^a Questão – Que outras estratégias poderiam ter sido feitas, de forma diferente, que pudessem contribuir para melhorar as atividades escolares dos reclusos, durante o tempo de suspensão das aulas presenciais?

Com o tempo as estratégias foram sendo adaptadas e melhoradas. Por exemplo, deixou-se de enviar as soluções a seguir aos exercícios. Percebeu-se que muitos formandos se limitavam a copiar. Passou-se a enviar essas respostas na semana seguinte para permitir autocorreção e não cópia. Compreendeu-se que o feedback deveria ser dado com mais frequência, adaptando as formas de ajuda para o pouco tempo presencial disponível através da barreira de acrílico, prevendo as dificuldades e antecipando outras formas de apoio.

Se as prisões tivessem equipamento informático que permitissem formas síncrona de contacto com os formandos, talvez pudesse ter havido menos abandono escolar. Com essa possibilidade, muitas das limitações tivessem sido ultrapassadas e os formandos não se terem sentido tão desmotivados e afastados da força que a escola parece dar-lhes (Quadro 3).

5.^a Questão – Quais foram as razões do abandono escolar dos formandos que estando inicialmente inscritos, e ainda se mantêm no EPA, desistiram da escola?

As dificuldades de trabalhar autonomamente, verificadas sobretudo nos formandos de níveis mais baixos (B1 e B2) e a depressão emocional provocada por toda a situação pandémica, levou a uma grande desmotivação e conseqüente desistência da escola. A quebra de rotinas, o “medo” e a desorientação pessoal que alguns sentiram levou a que desistissem de tudo e perdessem até o entusiasmo por melhorar as suas qualificações académicas. (Quadro 2)

6.^a Questão – Quais foram as razões que levaram novos reclusos a inscreverem-se nos cursos EFA, apesar de conhecerem todas as limitações do ensino presencial no parlatório e a distância.

O desejo de ocupar o tempo de forma útil ou pelo menos “ocupar a cabeça”, a vontade de melhorar as qualificações académicas, e de dar provas de “bom comportamento”, esforço pessoal para a reinserção (que pode favorecer o julgamento que aguardam), foram algumas das razões observadas na maior parte dos reclusos que decidiram inscrever-se na escola, mesmo em situação “anormal” (Quadro 2).

4.2. Discussão dos Resultados

4.2.1. As limitações do ensino a distância no EPA

No AEA, e no exercício da autonomia, a transição do ensino presencial para o ensino online (E@D) não foi de fácil aplicação, mas foi rápida. Quando se pensa nas limitações de uma escola na prisão, as limitações são muito maiores. O E@D e aplicação de estratégias como a utilização de ferramentas da web ou recursos digitais são impensáveis! Por falta de orientações superiores da tutela imediatas, a aplicação de estratégias de ensino a distância, no EPA, foi um primeiro constrangimento.

No EPA, como em qualquer outro EP, a presença dos professores é, para muitos reclusos, o único contacto com o exterior e com o mundo. E nesta situação de confinamento, tão nova e estranha para todos, o isolamento revelou-se de extrema dificuldade dentro da prisão. Em reunião de equipa pedagógica com as Direções do AEA e do EPA, foi decidido avançar com a única estratégia que se afigurava possível. Sem meios digitais, sem possibilidade de qualquer contacto físico com os formandos, implementou-se um modelo de ensino a distância (EaD) em que os professores, por intermédio da coordenadora dos cursos EFA, faziam chegar ao adjunto do diretor, cadernos semanais destinados aos formandos de cada curso EFA, com instruções específicas sobre o seu preenchimento, matéria de estudo para a semana e propostas de exercícios / provas a realizar no próprio caderno. Estes cadernos, nominalmente identificados, eram distribuídos pelos formandos e recolhidos na semana seguinte, já preenchidos pelos reclusos, para posterior envio a todos os professores, pela coordenadora, para correção e feedback escrito. Corrigidos, e com uma síntese de avaliação formativa, os cadernos voltavam aos formandos, depois de uma quarentena de 72 horas no EPA. A equipa pedagógica de professores do AEA mantinha reuniões online regulares, através das plataformas Teams e Zoom, para apreciação conjunta da evolução do percurso dos formandos e adaptação contínua de estratégias. O adjunto do diretor da EPA mantinha com a coordenadora contatos diários, telefónicos, presenciais ou por e-mail, sobre a evolução do processo de ensino e formação.

Só em maio de 2020, dois meses depois de se ter iniciado esta forma de EaD, chegaram as orientações da DGRS: Medidas de Intervenção da Área do Ensino e Formação Profissional em Meio Prisional:

“as estratégias de intervenção na área do ensino e formação profissional em meio prisional devem estar em consonância com as medidas excepcionais e temporárias recomendadas pelo Governo no contexto do estado de calamidade pública, bem como devem respeitar as orientações da DGS e o Plano de Contingência da DGRSP.

A dinamização [...] deverá ser articulada entre o EP e as entidades formadoras [...] devendo ser salvaguardadas as medidas e limitações impostas nos termos da Lei, bem como os procedimentos adotados para esta área em meio livre.

Considerando o risco que o contacto dos docentes/formadores com a população reclusa pode ter para o contágio da covid-19, o Ensino a Distância (EaD) é o modelo que melhor se adapta à prossecução da formação escolar e profissional em meio prisional, não obstante a dificuldade demonstrada por alguns reclusos para a autodisciplina e organização, características que poderão dificultar a aquisição de aprendizagens e competências através deste modelo de ensino.

O EaD utiliza o Modelo Assíncrono (exemplo: Envio de materiais em suporte papel, incluindo a realização de trabalhos) e síncrono (exemplo: Sessões de videoconferência, devidamente agendadas, para esclarecimento de dúvidas e apoio a trabalhos), para a implementação dos quais deverá ser efetuada uma avaliação/articulação entre o EP e as entidades formadoras. [...] O EP, em articulação com a escola associada, deverá acordar o sistema de EaD a utilizar, designadamente na definição dos termos em que os diferentes modelos serão implementados: [...].”

Em resposta a esta proposta, tardia e com sugestões impossíveis de concretizar no EPA, deu-se conhecimento à DGRSP que a execução do modelo síncrono, não era possível nas instalações do EPA uma vez que na zona prisional, onde se situam as salas de aula e biblioteca, não se dispõe de Internet, inviabilizando sessões por videoconferência. Por outro lado, naquela fase do ano letivo, não se vislumbrava, uma mais-valia significativa a gravação de vídeos com conteúdos das sessões que, de resto, seriam um material assíncrono adicional ao ensino a distância. No entanto, após análise conjunta com a

direção do AEA, esta alternativa ainda foi considerada, mas as limitações de espaços e de recursos humanos, tornou inviável esta possibilidade.

O esforço de todos – equipa pedagógica, Direção do EPA e formandos – de quem íamos percebendo a necessidade de continuar com esse pequeno contacto que lhes levava, para além do conhecimento, notícias do exterior e ocupação para que o tempo de confinamento ainda mais acentuado, fosse menos difícil – parecia estar a ser positivo e necessário. Em maio de 2020, o adjunto e substituto do Diretor do EPA, informou a DGRSP:

“O balanço é francamente positivo avaliado a partir do número de cadernos preenchidos que são semanalmente entregues, da pontualidade e assiduidade na recolha e entrega de trabalhos pelos formandos, dos resultados obtidos pelos formandos em sede de avaliação e do empenho de todos os envolvidos no processo: formandos, professores e técnicos de reeducação, motivo pelo qual, salvo instruções em contrário, manteremos estes procedimentos até final do ano letivo.” (Cláudio Pedrosa, maio de 2020)

O artigo com o título “Operating school activities from a distance in the jail of Aveiro”, escrito por Dulce Paula Biscaia, professora de inglês, em nome da equipa do EPA, publicado na Newsletter EPEA, de junho de 2020 (<https://www.epea.org/the-pandemics-impact-on-prison-education-in-portugal/>), The Pandemic’s Impact on Prison Education in Portugal, by APEnP President José Pinto (<https://www.epea.org/sharing-coronavirus/>), mostra como Portugal foi, talvez, dos primeiros países que mais rapidamente se adaptou, quando em todo o mundo se procurava a possibilidade de se continuar o ensino nas prisões.

4.2.2. As limitações para a implementação de ensino presencial em tempo de pandemia no EPA

Para além de todas as limitações que são comuns aos diversos estabelecimentos prisionais, como sejam as de natureza informática e de Internet, no EPA, acresce, ainda o facto de serem pouquíssimos e muito limitados os espaços físicos para atividades letivas, e o número muito reduzido de pessoal de vigilância. Quando foi possível, por

decisão da tutela, a retoma das aulas presenciais nas prisões, desde que mantendo todas as medidas de distanciamento, para evitar a transmissão do vírus, em Aveiro foi impossível reunir as condições físicas que permitissem esse distanciamento.

4.2.3. O ensino presencial que foi possível no EPA durante o tempo de pandemia

O parlatório – espaço também pequeno e utilizado para visitas, equipado com divisória de acrílico a todo o comprimento – foi o único espaço disponível, para as aulas presenciais, no EPA.

Período de 22 de setembro de 2020 a 25 de novembro de 2020

Só em 22 de setembro de 2020 as aulas presenciais dos Cursos EFA foram retomadas e nos termos estipulados, em reunião do dia 15 de setembro, com o Adjunto do Diretor, a professora do AEA responsável pela coordenação dos cursos EFA no EPA e o Chefe Principal do Corpo da Guarda Prisional no EPA. Foi elaborada por Cláudio Pedrosa, a “Proposta para retoma das aulas presenciais dos cursos de educação e formação de adultos no Estabelecimento Prisional de Aveiro (Informação N.º: 2/Adj/2020):

“Propõe-se que as aulas presenciais dos cursos de educação e formação de adultos sejam retomadas nos seguintes termos:

As aulas dos cursos EFA decorrem no parlatório do EPA, de segunda a sexta-feira, entre as 15.30 horas e as 17.30 horas; Frequentam as aulas os reclusos devidamente inscritos distribuídos pelos níveis e dias da semana, sendo que, os níveis B1 + B2 às terças e sextas-feiras, EFA B3 às segundas e quintas-feiras e NS às quartas-feiras; Só estão presentes, por aula e em simultâneo, o máximo de oito formandos, número correspondente de cabines disponíveis para as visitas (se na mesma turma estiverem inscritos mais de oito formandos, a aula divide-se em dois turnos, com períodos com uma hora de duração cada e os formandos repartem-se por cada turno; Só estão presentes, por aula e em simultâneo, o máximo de dois professores, na área do parlatório destinada aos visitantes; Os formandos cumprem as regras de prevenção em vigor, nomeadamente no que respeita à higienização das mãos com desinfetante, à entrada e saída do parlatório, e uso de máscara facial durante toda a aula; Os professores cumprem as regras

de prevenção em vigor, nomeadamente no que respeita à higienização das mãos com desinfetante, à entrada e saída do parlatório, e uso de máscara facial durante toda a aula;

No início do ano letivo, cada formando recebe uma esferográfica, um lápis e uma borracha, material escolar pessoal e intransmissível e os únicos objetos permitidos na aula, para além do material em papel; [...] O material em papel destinado aos formandos é remetido pelos professores ao EPA, em tempo útil e através de correio eletrónico, não se autorizando a troca de objetos ou qualquer contato físico entre formandos e professores; O material escolar destinado aos formandos que não seja possível remeter nos termos do ponto anterior, é entregue no EPA, com três dias de antecedência para cumprimento do período prévio de quarentena; Quinzenalmente, às quartas, quintas e sextas-feiras, realiza-se uma aula de informática para cada curso EFA com utilização de computadores pessoais pelos formandos; Na aula de informática estão presentes os técnicos superiores de reeducação (TSR) responsáveis pela instalação e remoção dos computadores e acompanhamento do trabalho de cada formando, observando as instruções do(a) professor(a) de informática; Na aula de informática, os TSR estão ao lado dos reclusos, salvaguardado o distanciamento social obrigatório, e cumprem as regras de prevenção em vigor, nomeadamente no que respeita à higienização das mãos com desinfetante, à entrada e saída do parlatório, e uso de máscara facial durante toda a aula; Periodicamente, os formandos são avaliados através de testes escritos, realizados durante a aula; Imediatamente antes e depois de cada aula, as instalações do parlatório são higienizadas e desinfetadas pelo responsável pela limpeza daquele setor, observando todas as normas em vigor.”

Esta estratégia, extremamente exigente em termos de coordenação e de muito difícil execução, mas a única possível para manter o contacto com os formandos e poder orientar a realização das tarefas propostas, só foi possível manter até 25 de novembro de 2020.

Período de 26 de novembro de 2020 a 04 de janeiro de 2021

Aveiro, na altura um concelho com nível de risco muito elevado, obrigou à total suspensão dos contactos com os reclusos, mesmo nas condições de afastamento e com separação de acrílico que se estava a praticar. Por tal motivo retomou-se o ensino a distância com o envio de material escrito, tal como no ano letivo anterior.

Período de 05 de janeiro de 2021 a 12 abril de 2021

Em janeiro de 2021, um surto de covid-19 invadiu o EPA e os reclusos foram impedidos de circular nos espaços da prisão. Tornou-se impossível a distribuição de tarefas escolares, tendo ficado completamente suspensa toda atividade de ensino no EPA. Esta situação só se conseguiu ultrapassar em abril de 2020, quando nas escolas se retomou o ensino presencial.

Período de 12 abril de 2021 a 31 de maio de 2021

Durante este período foi retomado o ensino presencial no parlatório, através do acrílico e em horário reduzido, de acordo com disponibilidade do espaço. Esta possibilidade continua e deve manter-se até final do ano letivo, que se prevê ser no final de julho de 2021 (foi estabelecido que as aulas no EPA devem ocupar todo o tempo que for possível, não seguindo sempre ao calendário escolar das escolas. De acordo com o período de férias dos docentes, as aulas são interrompidas só durante esse período – habitualmente de finais de julho a início de setembro – para se rentabilizar ao máximo o tempo dos formandos na recuperação das aprendizagens e possível conclusão das Unidades de Formação de Curta Duração (UFCD) e diminuir o tempo “vazio” que representa as “férias escolares” em que mais nada quebra a rotina dos dias na prisão.

5. Conclusão

A experiência de aulas não presenciais, sustentadas através do envio de trabalhos regulares aos formandos, teve um feedback bastante positivo, que ajudou, desde o início a quebrar um isolamento que seria quase ensurdecedor. Os trabalhos que foram sendo propostos tiveram, da parte dos formandos, uma aceitação muito positiva e uma resposta muito favorável. Notou-se que a continuidade deste laço que era por um lado pedagógico e, por outro, de uma disponibilidade pessoal e incondicional dos docentes, ajudou a colmatar um distanciamento que, mercê das circunstâncias, se traduziria para estes formandos num duplo confinamento ainda mais segregador.

Claro que não foi possível desenvolver a estratégia que sempre se privilegiou, em tempo normal, nomeadamente os Projetos Integradores sociocomunitários e socioculturais, complementados com a participação de convidados do exterior e, dessa forma, as aprendizagens essenciais ficaram comprometidas e mais pobres a todos os níveis. Na Tabela A1 do Apêndice são indicadas, a título de exemplo, algumas das atividades que fazendo parte do Plano de Atividades, ainda foi possível concretizar, em ensino presencial, até ao momento do primeiro confinamento, e na Tabela A2 do Apêndice, as atividades escolares realizadas em ensino a distância, para se entender os impactos da crise pandémica da covid-19 na organização e gestão das atividades e projetos do EPA. Resta a todos a enorme esperança de que a situação pandémica que se vive hoje continue a evoluir favoravelmente e que o próximo ano letivo recomece de forma que permita retomar todas as atividades sem mais restrições. Certamente que todos os intervenientes neste trabalho reconhecerão no “velho” modelo, valores nunca antes percecionados e certamente que o regresso será repleto de entusiasmo, apreciando cada momento e cada oportunidade como nunca antes aconteceu. Reconhece-se neste processo uma enorme oportunidade de aprendizagem que a todos os intervenientes diretos preparou para outras situações imprevistas no futuro. É muito importante que, se equipem as estruturas prisionais, de forma a que as atividades escolares dos formandos reclusos no EPA não fiquem privados de uma formação inclusiva e democrática. Espera-se que esta nova pesquisa represente um contributo teórico para se pensar a problemática da educação e formação, e em particular, da organização e gestão escolar em contexto prisional, uma vez que o caminho percorrido é ainda muito curto face ao que será preciso percorrer.

6. Referências bibliográficas

- ANQEP (27 de outubro de 2008). Cursos EFA e Formação Modular – Linhas de orientação. Disponível em: <http://www.catalogo.anqep.gov.pt/home/cnq/> ; <http://www.catalogo.anqep.gov.pt/boDocumentos/getDocumentos/142>
- EPEA (Newsletter, junho 2020). THE PANDEMIC’S IMPACT ON PRISON EDUCATION IN PORTUGAL. Disponível em: <https://www.epea.org/the-pandemics-impact-on-prison-education-in-portugal/> e <https://www.epea.org/sharing-coronavirus/>

- FEP|SAME (2016). A reintegração social do detido num Estabelecimento Prisional. A Escola e o seu papel ressocializador”. In *Desafios 15, Cadernos de trans_ formação*, maio de 2016, pp. 68-82 https://www.fep.porto.ucp.pt/sites/default/files/files/FEP/SAME/Cadernos_Desafios_maio_2016.pdf
- Fielding, M. (2001). La voz del alumnado y la inclusión educativa: una aproximación democrática radical para el aprendizaje intergeneracional. *Revista Interuniversitaria de Formación del Profesorado*, 70 (25, 1), 31-61.
- Figueiredo Dias, J. (2004). *Apontamentos de Direito Pena*. Coimbra.
- Gabriel, D. (2007). (De) Formação de Adultos em Contexto Prisional: Um Contributo. Dissertação para obtenção do Grau de Mestre. Universidade do Porto. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/23428/2/29786.pdf>
- Gonçalves, J. & Martins, O. (2016, maio). A reintegração social do detido num Estabelecimento Prisional. A Escola e o seu papel ressocializador. *Desafios 15. Cadernos de transformação*. Universidade Católica Portuguesa – Faculdade de Educação e Psicologia – SAME. Disponível em: https://www.fep.porto.ucp.pt/sites/default/files/files/FEP/SAME/Cadernos_Desafios_maio_2016.pdf
- Loureiro, A. (2018) Percursos de Cidadania – Projeto Piloto APEFA –2018-2021. Disponível em https://apefa.org.pt/wp-content/uploads/2020/04/PercursosCidadania_APEFA.pdf ; https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/10175/1/TMPEL_SoniaValente.pdf
- Ministério do Planeamento (2021, 2 de abril). Plano de Recuperação e Resiliência PRR – Recuperar Portugal. Construindo o Futuro”. Disponível em: <https://www.portugal.gov.pt/>
- Orvalho, L. & Martins, O. (2021) Educação e Idades de Vida: testemunhos daqueles a quem a vida ensina que a escola faz falta. Livro de atas XXVIII COLÓQUIO 2021 AFIRSE Portugal (no prelo). Disponível em <http://afirse.ie.ul.pt/coloquios/xxviii-coloquio-2021>
- Programa Portugal INCoDE.2030. Disponível em <https://www.incode2030.gov.pt/incode2030>

Legislação

- Decreto-Lei n.º 27/2006 – Cria e define os grupos de recrutamento para efeitos de seleção e recrutamento do pessoal docente da educação pré-escolar e dos ensinos básico e secundário <https://dre.pt/pesquisa/-/search/684601/details/maximized>
- Decreto-Lei n.º 265/79 de 1 de agosto. Diário da República, I Série – n.º 176 – Supl. Ministério da Justiça, Lisboa – Reestrutura os serviços que têm a seu cargo as medidas privativas de liberdade. <https://dre.pt/pesquisa/-/search/396771/details/maximized?jp=true>
- Despacho n.º 3447/2010 – Regulamenta a atribuição de certificação aos formandos que frequentaram, sem terem concluído, os cursos de educação e formação de adultos; <https://dre.pt/web/guest/pesquisa//search/1935301/details/normal?q=Despacho+n.%203447%2F2010>

- Despacho Conjunto n.º 211/MJ/ME/79 de 1 de agosto. Diário da República, II Série – n.º 176 – Ministérios da Justiça e da Educação, Lisboa – Reestrutura os serviços que têm a seu cargo as medidas privativas de liberdade. <https://dre.pt/pesquisa//search/396771/details/maximized?jp=true>
- Despacho Conjunto n.º 112/MJ/ME/83 de 2 de novembro. Diário da República, II Série – n.º 252. Ministérios da Justiça e da Educação, Lisboa – Determina o funcionamento de cursos de ensino secundário nos estabelecimentos prisionais a indicar pela Direcção-Geral dos Serviços Prisionais. <https://dre.tretas.org/dre/46782/despacho-conjunto-112-ME-83-de-2-de-novembro>
- Despacho Conjunto n.º 451/MJ/ME/99, de 1 de junho. Diário da República, II Série – n.º 127. Ministérios da Justiça e da Educação, Lisboa – direito à educação e à cultura nos termos da Constituição da República. https://dgrsp.justica.gov.pt/Portals/16/Legislacao/Informacao%20Legislativa/dsp-cjt_451-1999.pdf?ver=2018-12-03-143111-740
- Diário da República, 1ª série – N.º 71 de 11 de abril de 2011 – Aprova o Regulamento Geral dos Estabelecimentos Prisionais, um conjunto de regras que governa o funcionamento das prisões; <https://dre.pt/web/guest/pesquisa/-/search/276858/details/maximized?res=pt&se=0#resumo-claro>
- Diário da República, n.º 197 1.ª série de 12 de outubro de 2009, Artigos 38.º e 39.º que aprova o Código da Execução das Penas e Medidas Privativas da Liberdade e os incentivos ao ensino; <https://dre.pt/web/guest/legislacao-consolidada/-/lc/121>
- Diário da República n.º 197/2009, Série I de 2009-10-12, Lei n.º 115/2009 – Aprova o Código da Execução das Penas e Medidas Privativas da Liberdade; <https://dre.pt/pesquisa/-/search/491690/details/maximized>

Article received on 10/06/2021 and accepted on 15/09/2021.

Creative Commons Attribution License | This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License (CC BY). The use, distribution or reproduction in other forums is permitted, provided the original author(s) and the copyright owner(s) are credited and that the original publication in this journal is cited, in accordance with accepted academic practice. No use, distribution or reproduction is permitted which does not comply with these terms.

APÊNDICE

Tabela A1. Atividades socioculturais presenciais dinamizadas pela escola no EPA realizadas no ano letivo de 2019-2020 (até 26 de fevereiro de 2020)

| Atividade | Data | Contexto / Recursos/ Objetivos de aprendizagem | Descrição | Dinamização (para além da equipa pedagógica) |
|---------------------|---|---|--|--|
| Projeto de Cerâmica | Todas as quintas-feiras Ao longo de todo o ano letivo. | Utilização de uma mufla existente no EPA <u>Objetivos</u> – Proporcionar contacto com o barro (o primeiro para muitos formandos que descobrem talento e melhoram a autoestima); conhecer técnicas que podem ser úteis em atividades profissionais em liberdade; Proporcionar momentos de descontração, numa atividade manual que exige criatividade e tranquilidade; proporcionar oportunidade de diálogo entre os participantes, fundamental para a construção do grupo; valorizar dos laços familiares e de amizade, pela oportunidade de construir presentes. | Contacto com o barro. Experiências de modelagem e pintura. Execução de trabalhos para: participação no projeto nacional SOS Azulejo; integração nos temas desenvolvidos nos projetos integradores (por exemplo – A região de Aveiro; Suporte básico de vida; Natal; Dia dos Namorados ...); execução de trabalhos para serem oferecidos às famílias dos reclusos em dias especiais como Natal, Aniversários, Dia do Pai, Dia da Mãe, Dia da Criança ... Paralelamente à execução de trabalhos em barro, há todo um estudo da história da cerâmica na cidade de Aveiro. História do Azulejo em Portugal e no Mundo. Estudo de exemplos de azulejos célebres da azulejaria portuguesa. Desenho de modelos para produção de azulejos a partir do barro (15cm x 15cm) Construção de modelos em computador nas aulas de informática com utilização de programas de desenho em computador. Técnicas de trabalho em papel para servir de molde ao trabalho de barro. | “A Barrica” – Associação de artesãos de Aveiro |

| Atividade | Data | Contexto / Recursos/ Objetivos de aprendizagem | Descrição | Dinamização (para além da equipa pedagógica) |
|---|--|--|--|--|
| Promoção da Saúde e Prevenção da Doença em meio prisional | Ao longo de todo o ano letivo. | <p>Necessidade de conhecimentos de hábitos de vida saudável nos reclusos.</p> <p><u>Objetivos</u> – Conhecer informação rigorosa e de forma simples, para melhorar hábitos de vida, atitudes individuais e em grupo, em contexto prisional ou em liberdade.</p> <p>Conhecer formas de prevenir doenças específicas e adquirir competências capazes de utilizar de forma adequada o sistema de saúde.</p> | <p>Desenvolvimento de temas: Tabagismo; Alimentação saudável; Exercício físico em espaço confinado; Doenças sexualmente transmissíveis</p> | Serviço de Medicina do Trabalho e Saúde Ocupacional – Hospital Infante D. Pedro: |
| | | | <p>“Sono e Vida – Patologias do Sono”</p> | Serviço de Pneumologia do Hospital Infante D Pedro: |
| | | | <p>Reflexão e análise de documentos sobre – Dia Mundial do Cancro – Sensibilização em contexto de sala de aula, a todos os formandos, sobre a problemática do cancro e medidas de prevenção a adotar. Debate de ideias sobre o que cada um pode fazer pela sua saúde e pela dos outros, no sentido de se prevenir contra a doença. Sessão (in)formativa: O cancro: O que é e como prevenir. Fatores de risco a evitar. Hábitos de vida saudáveis. Posterior construção de panfletos, pelos formandos, com as conclusões retiradas das informações e do debate e distribuição a toda a comunidade prisional e Núcleo Regional do centro da Liga Portuguesa Contra o Cancro.</p> <p>Atividade realizada em sala de aula, com aplicação de conhecimentos das várias áreas disciplinares – Linguagem e comunicação; Cidadania: Informática</p> | Núcleo Regional do Centro da Liga Portuguesa Contra o Cancro |
| <p>“Suporte Básico de vida” – Informação e prática de manobras de reanimação. Posterior construção de panfletos, pelos formandos, com informação sobre suporte básico de vida e distribuição a toda a comunidade prisional e Serviço de Cardiologia do Hospital Infante D. Pedro para distribuição em eventos realizados na cidade em maio – Mês do coração</p> <p>Atividade realizada em sala de aula, com aplicação de conhecimentos das várias áreas disciplinares – Linguagem e comunicação; Cidadania: Informática</p> | Serviço de Cardiologia do Hospital Infante D Pedro | | | |

| Atividade | Data | Contexto / Recursos/ Objetivos de aprendizagem | Descrição | Dinamização (para além da equipa pedagógica) |
|------------------------------------|------------------|---|---|---|
| Projeto “Direito à Ciência” | Sessões mensais | <p>Importância de conhecer e aplicar informação científica simples e de utilidade no dia a dia, em contexto prisional e em liberdade.</p> <p><u>Objetivos</u>- Reconhecer o valor da ciência, a sua relação com o dia a dia e a sua acessibilidade a todos; desenvolver o gosto pelo conhecimento científico.</p> | <p>“Dependências/Consumos”</p> <p>“Parentalidade Positiva”</p> | Técnicos especializados do centro Social Paroquial da Vera Cruz |
| | | | <p>Sessões informativas e experimentais sobre:</p> <p>“Sedimentos marinhos” / “Saber em gel” / “Bioplástico da batata” / “Os sedimentos marinhos escondem vida” / “Desafios e enigmas matemáticos” / “- Robots” / “Oficina experimental – sais efervescentes”</p> | Fábrica da Ciência Viva de Aveiro |
| Comemoração de efemérides e Festas | 11 novembro 2019 | <p>S Martinho.</p> <p><u>Objetivos</u> – Proporcionar momento de convívio com todos os benefícios que o diálogo informal e a partilha de alimentos tem em contexto prisional. Dar a conhecer e valorizar tradições de Portugal e a sua importância na partilha e no convívio saudável em contexto social.</p> | <p>Atividades de desenvolvimento de conhecimentos sobre o dia de S. Martinho. Importância biológica e comercial da Castanha no nosso país.</p> <p>Disponibilização de castanhas para assar em sala de aula</p> | Direção do EPA |
| | 25 novembro 2019 | <p>Dia Internacional pela eliminação da Violência contra as Mulheres</p> <p><u>Objetivos</u> – Sensibilizar para o problema; consciencializar para a necessidade de mudar mentalidades.</p> | <p>Afixação de cartazes enviados pela APAV (nos espaços comuns do EP) e Desenvolvimento de atividades em contexto de sala de aula, à semelhança da proposta do Agrupamento de Escolas de Aveiro para todo o Agrupamento.</p> | |

| Atividade | Data | Contexto / Recursos/ Objetivos de aprendizagem | Descrição | Dinamização (para além da equipa pedagógica) |
|-----------|-----------------------------------|--|---|--|
| | de 25 novembro a 17 dezembro 2019 | Natal <u>Objetivos</u> – Sensibilizar para os verdadeiros valores do Natal, para a importância da época e motivar para a vivência do Natal mesmo em privação de liberdade; conscienciar para a necessidade de mudar atitudes dentro da prisão no sentido de se criar maior entendimento e empatia entre todos; proporcionar momentos de partilha e ligação afetiva e estimular contacto e partilha de afetos com o exterior, através da família e amigos. | Construção de decorações de Natal para todos os espaços comuns do Estabelecimento Prisional. Preparação da participação da “Escola na Festa de Natal – constituição de coro e ensaio de cânticos de Natal em conjunto com elementos da Pastoral Penitenciária | Professor Jorge Correia e outros elementos da Tuna de Santa Joana. |
| | | | Partilha de bolo rei e distribuição de presentes a todos os formandos; embrulhos das peças de cerâmica e livros de natal produzidos pelos formandos no âmbito das atividades escolares, para constituírem presente de natal para as famílias. | Pastelaria “Latina” Aveiro |
| | | | – Teatro de Marionetas – D. Roberto e Tourada Portuguesa sessão para reclusos com filhos menores de 12 anos, com acompanhamento dos filhos e esposas. | “Red Cloud” – Teatro de Marionetas |
| | janeiro – fevereiro 2020 | Dia dos namorados <u>Objetivos:</u> Refletir sobre a relação entre “amor” e violência; descobrir os valores do amor e da família em oposição á violência doméstica; descobrir causas e consequências da violência doméstica; proporcionar oportunidade de partilha de afetos com familiares no exterior. | Sessão de preparação para a atividade prática – Apresentação de ppt informativo sobre Tradições de Portugal – os corações de Viana do Castelo – história, evolução e significado. Relação com o “dia dos namorados” (construção de “corações de Viana” para presentear namoradas ou outros membros da família importantes na vida dos reclusos Apresentação de pequenos vídeos introdutórios ao tema – Violência doméstica – de forma a preparar para a sessão do dia 18. Sessões de sensibilização “prevenção/recuperação da violência doméstica” Em todas as aulas de todos os cursos – Análise dos vídeos apresentados. Debates, leitura de textos, desenvolvimento de ideias pelos formandos, subordinados ao tema: Dia dos namorados/violência doméstica | Professora aposentada – Laura Pires Técnicos da Casa Abrigo Vera Vida do Centro Social Paroquial da Vera Cruz |

| Atividade | Data | Contexto / Recursos/ Objetivos de aprendizagem | Descrição | Dinamização (para além da equipa pedagógica) |
|-------------------|-------------------|--|---|--|
| Sessões de cinema | 29 outubro 2019 | O cinema Português <u>Objetivos:</u> Conhecer o cinema português; descontrair com momento lúdico e cultural, importante em contexto prisional; conviver de forma saudável. | Filme “A canção de Lisboa” – visualização do filme original, e disponibilização de pipocas de forma a criar espaço semelhante ao cinema em liberdade. Interpretação e discussão em sala de aula, dos aspetos mais significativos do filme – Breve história do Cinema em Portugal | Direção e Serviços Técnicos do EPA |
| | 13 novembro 2019 | A propósito do dia 2 de novembro – Dia de fiéis defuntos | Projeção do filme “Coco”. Interpretação e discussão em sala de aula, dos aspetos mais significativos do filme – A visão da morte em diversas culturas. | |
| | 27 novembro 2019 | Cinema Português – evolução | Versão de 2015 do filme “A canção de Lisboa” Interpretação e discussão em sala de aula, dos aspetos mais significativos do filme – Comparação com a versão original. Evolução de técnicas cinematográficas e cultura em Portugal. | |
| | 31 janeiro 2020 | Criação do “Clube de cinema” <u>Objetivos:</u> Responsabilizar para criação de oportunidades de cultura e distração; levar a “escola” e as suas vantagens aos colegas de prisão; aprender a descobrir ensinamentos através do cinema; valorizar momentos de convívio e cultura. | Construção de cartaz informativo das datas e filmes a apresentar durante o primeiro trimestre de 2020, pelos formandos dos níveis B2+B3 e secundário, em formato digital, no âmbito das atividades de formação técnica, | |
| | 7 fevereiro 2020 | Sessão de cinema – “Dia dos namorados/Violência doméstica – 14 de fevereiro” | filme “Quarto” Título original: Room De: <u>Lenny Abrahamson</u> Com: <u>Brie Larson, Jacob Tremblay, Sean Bridgers</u> Género: Drama | |
| | 21 fevereiro 2020 | Sessão de cinema – “Carnaval – 25 de fevereiro”- | filme “Orfeu” Data de lançamento: 21 de abril de 1999 (<u>Brasil</u>) Direção: <u>Cacá Diegues</u> Música composta por: <u>Caetano Veloso</u> Autor: <u>Vinicius de Moraes</u> | |

| Atividade | Data | Contexto / Recursos/ Objetivos de aprendizagem | Descrição | Dinamização (para além da equipa pedagógica) |
|-------------------|-----------------------------|--|--|---|
| | 6 março 2020 | Sessão de cinema – “Dia da mulher – 8 de março”- | filme “As sufragistas” Título original: Suffragette De: <u>Sarah Gavron</u> Com: <u>Helena Bonham Carter</u> , <u>Carey Mulligan</u> , <u>Meryl Streep</u> , <u>Ben Whishaw</u> Género: Drama | |
| Outras atividades | 10 janeiro 2020 | Concerto de reis <u>Objetivos:</u> Proporcionar aos reclusos, uma tarde de “liberdade”, em ambiente festivo, em espaço quase aberto, motivando a sensação de liberdade. reconhecer que a sociedade se preocupa com os reclusos e que participa de forma a oferecer momentos mais agradáveis dentro da prisão. | Concerto Rock ao vivo, no pátio do EPA, pela banda MONDAY AFTER NINE para toda a comunidade prisional | Banda Monday After Nine – constituída por 7 colaboradores da empresa L’Oreal Portugal, que se deslocaram propositadamente de Lisboa a Aveiro, para proporcionar momentos de liberdade e festa aos reclusos do EPA |
| | fevereiro/ março 2020 | Problemática dos refugiados <u>Objetivos:</u> Refletir sobre outros problemas sociais graves – oportunidade de perceber que “o meu problema, porque estou preso, não é o maior”; aprender a ser solidário – “o que posso fazer para ajudar?” ; aprender a estar atento aos outros e sentir a dor do outros; conhecer problemáticas da atualidade. | Em todas as aulas de todos os cursos – Análise de vídeos. Debates, leitura de textos, desenvolvimento de ideias pelos formandos, subordinados ao tema: A problemática dos refugiados. - Construção de cartazes, e panfletos informativos para Exposição fotográfica a montar no parlatório, – aberta a toda a comunidade prisional e visitantes – não foi possível porque as atividades presenciais forma suspensas. Montagem e inauguração da exposição fotográfica, com presença de várias entidades e comunicação social – Diário de Aveiro que fez reportagem com entrevistas a reclusos sobre a sua participação no projeto e alteração de consciência em relação ao problema, depois de ter recebido mais informação e ter visto as imagens reais. | Técnicos da Casa Abrigo Vera Vida do Centro Social Paroquial da Vera Cruz |

| Atividade | Data | Contexto / Recursos/ Objetivos de aprendizagem | Descrição | Dinamização (para além da equipa pedagógica) |
|-----------|-------------------|---|---|--|
| | 21 fevereiro 2020 | Programação com Scratch / Makey Makey <u>Objetivos:</u> · Criação de projetos simples relacionados com a condução elétrica; · Promoção de competências digitais; · Promoção do pensamento lógico e criativo. | A proliferação das TIC na sociedade contemporânea criou a necessidade de novas habilidades, capacidades e novos meios de aprendizagem. Não chega o simples consumo ou manuseio automático dos produtos disponíveis no mercado: esta sociedade necessita de indivíduos proativos, que sejam capazes de agir sobre a diversidade de situações do dia a dia e solucioná-las. Assim, utilizar, no processo educativo, tecnologias ligadas ao ambiente digital a partir de sistemas que envolvem a utilização de software e hardware, favorecendo a aquisição de conhecimento, promovendo capacidades e competências digitais e contribuindo para o desenvolvimento do pensamento computacional, científico, crítico e criativo, irá desenvolver um perfil estudante consonante com as necessidades do quotidiano. O facto desta sessão ser promovida em meio prisional, para alunos do ensino secundário, pressupõe um grupo heterogéneo em termos de idade, mas normalmente homogéneo em termos educativos, evidenciando deficiente nível escolar e educativo. A escolha do par educativo Scratch/Makey Makey revela-se então adequado por se tratar de material de fácil manuseio e entendimento, mas que promove as competências necessárias aos dias de hoje. | Universidade de Aveiro |
| | 26 fevereiro 2020 | Sustentabilidade na Terra <u>Objetivos:</u> Refletir sobre problemas ambientais; perceber o papel de cada um na acumulação de lixo no planeta; desenvolver estratégias individuais, e em contexto prisional, capazes de minorar a problemática dos lixos; conhecer entidades envolvidas nas soluções possíveis; motivar para atitudes mais sustentáveis a nível individual, familiar e social. | | Fundador do Movimento “Não lixes” – Fernando Joca Paiva. |

Tabela A2. Atividades socioculturais dinamizadas a distância pela escola no EPA realizadas no ano letivo de 2019/2020 (depois de março de 2020)

| Atividade | Descrição |
|--|---|
| Projeto da Liga Portuguesa Contra o Cancro – Dia Mundial Sem Tabaco – 31 de maio | construção de letra para música e cartazes de sensibilização para deixar de fumar; |
| Concurso promovido pela Direção geral dos serviços prisionais – “Novos Talentos”. | Sensibilização para participação – Um dos nossos formandos participantes foi vencedor do primeiro prémio, na categoria de poesia; |
| Artigo para o Diário de Aveiro – “Viver a Escola na Prisão em tempo de pandemia.” | Sensibilização para escrita de artigo para conhecimento à população aveirense, dos constrangimentos da pandemia na prisão; |
| Sessão de Meditação | Orientada pelo professor de educação física, através de envio de “guião – passo a passo”, para uma meditação terapêutica pessoal; |
| Exercício físico em espaço confinado | Proposta de atividade física através de 2 sequências de exercícios de execução individual orientados; |
| Sensibilização para a importância da proteção solar – Prevenção do Cancro da Pele | distribuição aos reclusos e respetivos filhos (livros de passatempos infantis), de documentação do Centro Regional do Centro da Liga Portuguesa Contra o Cancro e da empresa L’ Oreal Portugal. |
| Participação no Projeto SMAL – setembro, Mês da Alfabetização e das Literacias, promovido pela APEFA – Associação Portuguesa da Educação e Formação de Adultos | Elaboração de cartazes para divulgação do projeto. Participação dos reclusos na escrita de artigos para o Jornal Diário de Aveiro; |
| Participação na primeira edição de 2020-2021 do Jornal Moliceiro do Agrupamento de Escolas de Aveiro | Sensibilização para escrita de artigo pelos formandos sobre o regresso à escola em tempo de pandemia. |

Fonte: Orquídea, 2019/2020/2021